

MACEIÓ: UMA CIDADE SETECENTISTA E OITOCENTISTA

Eric Nilson da Costa Oliveira¹

RESUMO: Maceió, conhecida como cidade restinga, constituiu-se aglomerado urbano, por volta do final do século XVIII e início do século XIX. Sua origem, ainda é desconhecida, entretanto os historiadores alagoanos debruçaram-se em duas teorias ao longo dos anos. A primeira que a cidade teria surgido em torno do engenho Massayo, no centro da cidade. A outra mais aceita pelos historiadores que ela surgiu no povoado de Jaraguá, antigo reduto de pescadores, atualmente um distrito de Maceió. Em 1815 o povoado e elevado a condição de vila, emancipando-se da vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, atual cidade de Marechal Deodoro. Durante os eventos que agitaram a região em 1817, a cidade foi fundamental na emancipação de Alagoas. Em 1839, sobrepujou a velha capital Alagoas do Sul, como capital da província. Foi também, palco de disputas políticas entre lisos e cabeludos em 1844. Longe de torna-se pacífica a região foi palco da revolta dos maribondos em 1851 e quebra- quilos em 1870. O movimento abolicionista em Maceió não contou com o apoio da maioria da população, no entanto foi difundido pela imprensa e organizações. Os primeiros anos da república não trouxeram calma, somente adquirida início do século XX.

PALAVRA-CHAVE: Alagoas, Maceió, vila, província

ABSTRACT: Maceió, known as restinga city, constituted urban agglomeration, around the end of the eighteenth century and beginning of the nineteenth century. Its origin is still unknown, however, the Alagoas historians have looked at two theories over the years. The first that the city would have arisen around the sugar mill Massayo, in the center of the city. The other one more accepted by the historian that it arose in the town of Jaraguá, old redoubt of fishermen, at present a district of Maceió. In 1815 the town and elevated the condition of town, emancipating itself of the town of Santa Maria Magdalena of Alagoas of the South, present city of Marechal Deodoro. During the events that agitated the region in 1817, the city was fundamental in the emancipation of Alagoas. In 1839, it surpassed the old capital Alagoas of the South, like capital of the province. It was also the scene of political disputes between smooth and hairy in 1844. Far from becoming pacific the region was the scene of the revolt of the maribondos in 1851 and smashers in 1870. The abolitionist movement in Maceió did not have the support of the majority of population, however, was spread by the press and organizations. The first year of the republic did not bring lull, only acquired early twentieth century.

KEYWORD: Alagoas, Maceió, village, province

INTRODUÇÃO

A cidade de Maceió, possui fortes laços da presença indígenas, nomeando bairros da capital e algumas ferramentas necessárias a sobrevivência humana. Sua origem ainda é desconhecida, cabendo duas teorias explicando. A primeira foi que surgiu em torno do engenho Massayo, nos arredores do largo da catedral, centro da cidade. Entretanto, o empreendimento não prevaleceu, mas o

1 *Universidade de Federal de Alagoas – UFAL. Mestrando do curso de história da universidade Federal de Alagoas. Ericdarth_@hotmail.com

aglomerado em seu entorno sobreviveu dando origem a Maceió. A outra teoria, sugerida pelo historiador Moacir Santa Ana, privilegia o povoado de Jaraguá, um reduto de pescadores e porto natural, possibilitando o comércio.

O povoado de Maceió foi elevado a condição de vila em 1815, separando-se da jurisdição de Santa Maria Madalena do Sul. Teve participação decisiva em 1817, durante as questões de emancipação política do estado. Finalmente, em 1839, torna-se a capital de Alagoas, em um acontecimento conhecido como “mudança do cofre de 1839”. Fato que gerou um levante em Alagoas do Sul, mas rapidamente contido graças a João Lins de Sinimbu, o Barão de Sinimbu.

Reafirmou-se como centro administrativo, comercial e político da Província de Alagoas, ainda no século XIX. Entretanto, a capital caeté, viveu uma conturbada vida social, política e econômica no século XIX, foi palco de inúmeras revoltas, como: Revolução Pernambucana em 1817, Confederação do Equador, 1824, guerra entre Lisos e Cabeludos, 1844 tendo a capital invadida e sua população feita refém. Ronco da Abelha, 1850 e Quebra-Quilo, 1870. A situação pacifica-se somente no início do século XX, durante o período de Euclides Malta.

MACEIÓ, UMA CIDADE SETECENTISTA E OITOCENTISTA

Na historicidade de Maceió estar presente, toponímias indígenas, na medicina popular em instrumentos de pesca (Puca, côvo, Jerere etc). Em nomes de bairros como; Cambona, em tupi significa, feixe ou cinto de Mangues; Guaxuma, coisa lisa ou lustrosa; Ipioca, coisa do chão ou tapume de terra; Jacarecica, a posta do Jacaré ou a baba ou grude do Jacaré; Jacutinga que significa “Jacu” ave muito comum na área dos tabuleiros costeiros. Além de outros bairros ou ruas, como: Jatiúca, Jaraguá, Levada, Maceió, Mangabeiras, Piabas e muitas outras palavras que fazem parte do cotidiano dos maceioenses no dia-dia.

Em tempos remotos a cidade era habitada pelo que os arqueólogos chamam de “Sambaquis” ou construtores² de sambaquis de samba “mariscos” e “ki” amontoados do tupi. Eles dedicavam-se a pesca, agricultura e a fabricação de instrumentos e adornos artesanais. Quando aqui os colonizadores portugueses chegaram, eles já tinham desaparecido a mais de mil anos atrás.

O primeiro registro da região, data de 1611, comprovando a existên-

2 Muitos antes dos caetés e seus colegas tupis, os nossos antepassados viviam e desfrutavam a grande variedade de alimentos que a natureza proporcionava. Nossos bisavôs indígenas deixaram marcas que vão se apagando com a expansão imobiliária chegando a todos os pontos do litoral e da área rural. (TENORIO, 2016, p. 20)

cia de uma enseada das canoas indígenas e uma casa de telha, pertencente a Manuel Antônio Duro, a quem Diogo Soares, alcaide-mor de Santa Maria Madalena do Sul, doara uma sesmaria. (TENORIO, 2015, p.14).

Mais tarde, em 1640, durante as invasões holandesas. Uma tropa de reconhecimento, atravessaram o território alagoano. Descobriram uma linda enseada de águas turquesa, chamada pelos índios de “Ioçara”. Mas a frente Jaraguá, onde tinha um paço. (TENORIO, 2015, p.13).

Durante os vinte e quatro anos de ocupação, a presença holandesa no Nordeste se dava quase exclusivamente nas áreas urbanas, nas cidades de Recife e Olinda ou, menos presente nas vilas menores, como Porto Calvo e Penedo, de onde os batavos garantiam o domínio militar (TENORIO, 2015, p.184).

Acabada a guerra do açúcar, D. Pedro II, rei de Portugal em 1673, que não era o monarca brasileiro, afim de encerrar as incursões estrangeiras na costa alagoana, ordenou a Afonso de Mendonça Furtado, Visconde de Barbacena (Governador-Geral), fortificar esse longínquo ponto além-mar, chamado de Jaraguá. Mas nunca se efetivou, devido sua morte em 22 de novembro de 1675. Somente em 1820, o governador Melo e Povoas afortaleza a região.

A verdadeira origem de Maceió encontra-se obscura, no entanto há teorias que remetem o caso. A primeira delas, afirmar que o povoado de Maceió, surgiu em torno de um engenho de açúcar, de nome indígena, “Massayo” do tupi guarani que significa “aquele que tapa o alagadiço”. Fundado certamente por algum sesmeiro de Santa Luzia do Norte que visava ampliar seus domínios. Próximo a esse engenho corria um robusto riacho de águas límpidas, chamado pelos índios de Massayo ou Maçai-ó-k, responsável pela denominação do engenho e da capital. Atualmente, o poluído riacho Salgadinho³.

Tal empreendimento, situava-se na atual praça D. Pedro II, centro da cidade. Ali próximo encontrava-se uma pequena capela dedicada a São Gonçalo de Amarantes, mas tarde demolida e erguida em seu lugar a catedral metropolitana de Nossa Senhora dos Prazeres. O engenho não progrediu, mas o aglomerado urbano em seu entorno sobreviveu, graças ao comércio, pois era passagem para o porto natural de Jaraguá, onde de lá escoavam a produção dos

3 [...] o riacho dividia a capital alagoana em dois bairros principais: Massayo ou Maceió, Rego Pitanga, Reginaldo e Salgadinho. Não se Massayo ou Maceió foi o nome do Riacho transmitido ao sítio, ao engenho e, posteriormente, a povoação, ou se, ao contrário, desta e que o pequeno curso d'água teria recebido denominação (LIMA JUNIOR, 1979, p. 138/9).

úberes vales do Mundaú e Paraíba, como: açúcar, algodão, madeira, tabaco e couro, que vinham dos antigos caminhos abertos pelos desbravadores e das antigas trilhas indígenas para adentrar o sertão. A outra vertente, sobre a origem de Maceió, foi proposta pelo historiador Moacir ⁴Medeiros de Santana, mais aceita pelos historiadores. Na qual, a cidade se originou de um antigo reduto de pescadores, atual distrito de Jaraguá, um importante interposto de compra e venda, embarque e desembarque de mercadorias. A cidade teria se desenvolvido pela privilegiada posição do porto de Jaraguá. O argumento para essa teoria, encontra-se no testamento do Capitão Apolinário Fernandes Padilha, proferindo que o engenho, somente moeu por duas safras, em 1724 já se encontrava morto, por ter fixando-se em local impróprio, solo meio pantanoso, para o cultivo da cana de açúcar⁵.

A história de Maceió está inicialmente ligada à de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, atual cidade de Marechal Deodoro, pois dela fazia-se uma sesmaria, inicialmente de posse de Manuel Duro, posteriormente transferida para o Capitão Apolinário Fernandes Padilha, antigo proprietário de terras em Maceió (TENÓRIO, 2003, p.02).

Em uma escritura, feita em 25 de Abril de 1787, consta os bens do padre Antônio Ferreira da Costa em favor de três afilhados, Bento Ferreira, João Ferreira e Rita Maria da Boa Hora, no qual constam, casas de telhas, uma capelinha e o sítio Massayó, com todos os acessórios. (TENÓRIO, 2015, p.17)

Gradativamente, o povoado foi crescendo adentrando a restinga e terras alagadiças. Aos poucos as ruas, foram sendo desenhadas, feitas por carros de bois, carroças, escravos e comerciantes de todos os lugares. Era necessário passar pelo povoado para ir ao porto, ameaçando a hegemonia da vila de Alagoas. Em 1808, o príncipe regente D. João VI, decretou abertura dos portos as nações amigas, como resultado o comércio na região, floresceu ainda mais.

Com o fim da guerra napoleônica, em 1815, as cortes em Portugal passaram a exigir a volta do monarca português D João VI. Nesse mesmo ano o soberano assinou o alvará régio elevando o povoado de Maceió a condição de

4 Coube ao historiador alagoano Moacir Santana o mérito da descoberta, em junho de 1972, no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, do testamento do capitão Apolinário Fernandes Padilha, documento este que veio a esclarecer sobre a nebulosa origem de Maceió (LIMA, 1989, p. 3/4)

5 Desta maneira podemos deduzir que Maceió não teria se originado de um engenho de açúcar, pois o mesmo apenas teria moído duas safras, em função da sua localização imprópria para o cultivo da cana de açúcar, obrigando-o a parar de funcionar; derrubando o falso mito da origem da cidade de Maceió que estaria associada ao engenho Massayó (LIMA, 1989, p. 4).

vila, graças a José Ferreira Batalha, o ouvidor batalha,⁶ quem liderou a campanha de emancipação do povoado, consumada em 16 de dezembro de 1815. A casa para servir de cadeia e câmara foi doada por José Elias Pereira, uma das lideranças do movimento, o seu sobrado, situava-se no pátio da capela de São Gonçalo do Amarante. Já Antônio Firmino Braga, encarregou-se de construir o Pelourinho, utilizado para comunicações oficiais e fixação dos atos governamentais, como um local para punir criminosos e escravos. Outro alvará-régio, em 1816, delimitou os limites da vila, estendendo-se da Barra Grande até os rios Santo Antônio Grande e Mundaú. Estabeleceu também, dois juizes ordinários, três vereadores, um procurador da câmara, um tesoureiro, um alcaide escrivão do arrego do tabelião, do público e de notas e dois almotacés.

Uma nos depois, a região foi agitada pelo movimento revolucionário Pernambucano de cunho emancipacionista. No entanto, o celebre ouvidor Batalha⁸, foi novamente foi principal agente, agora na emancipação de Alagoas. Jurando fidelidade a coroa ele conseguiu apaziguar a região, mesmo assim algumas localidades aderiram parcialmente a revolta. Acabada a revolta pernambucana em maio de 1817, o decreto real de 16 de setembro do mesmo ano, emancipava Alagoas de Pernambuco. Em 1818, e instituído o primeiro governador de Alagoas, Sebastião Francisco de Melo e Povoas, neto do marquês de Pombal. Experiente político, logo percebeu os dons emergente socioeconômico da vila de Maceió, indagando que deveria torna-se capital. Contudo, tal afirmação e refutação em ir a Alagoas do Sul, não agradou elites da cidade

Entre os anos de 1818 e 1819, Povoas realizou, inúmeras obras, criou a casa de Arrecadação e Inspeção de açúcar e algodão. A alfandega em Jaraguá e em Penedo, mesa do Consulado, criou também uma companhia de

6 O ouvidor batalha, que liderou o movimento a favor de sua elevação, tinha vencido. Seus partidários festejaram. Maceió adquiriu autonomia, era agora independente. O próprio batalha homem de posse e funcionário real, doou um sobrado para ser a sede da câmara da nova vila. O gesto era indispensável, pois a instalação oficial e o gozo efetivo do novo status administrativo só se daria quando estivesse pronto o pelourinho, a cadeia, as oficinas necessárias e, principalmente, a casa do legislativo (TENÓRIO, 2015, p. 25).

7 O movimento se espalhou pelo interior chegando as principais vilas, como Anadia, Penedo e São Miguel dos Campos. As adesões dos alagoanos se deram pela expectativa gerada pelas informações de uma causa plenamente vitoriosa. A partir do momento em que as posições republicanas e independentistas ficaram mais clara, e a extensão do movimento não inicialmente divulgada, houve um recuo dos seus apoiadores (CARVALHO, 2016, p. 40).

8 O ouvidor, Antônio Ferreira Batalha, rapidamente constituiu uma junta governamental que separou a Comarca de Alagoas de Pernambuco, instituindo-a provisoriamente a Capitania da Bahia. O conde dos Arcos organizou os militares sobre o comando do general Cogominho de Lacerda, saiu da Bahia, marchando por Sergipe e sobre Alagoas, onde ganhou adesão de forças em Maceió e Porto de Pedras, ocupando Recife em maio de 1817. (TENÓRIO, 2015, p. 29)

soldados e iniciou QG da Polícia Militar com a construção de dois fortes, São Pedro em Jaraguá, onde era a antiga Escola de Marinheiros e São João, feitos nos areais da boca de Maceió, vizinho do Riacho Massayó. Em seu governo, inúmeros discursos e atritos políticos, ocorreram entre Maceió e vila de Alagoas do Sul, pois a emergente vila marítima, ameaçava os interesses políticos e econômicos da capital lacustre. Povoas um político sábio, não realizou a mudança que tanto sonhava, mas deixou o caminho aberto para seus sucessores fazer. Diante da revolução dos portos, em 1820, que abalariam as relações política entre Portugal e Brasil para sempre. As cortes exigiram seu retorno, sendo assim, em 21 de setembro de 1821, o neto de Pombal retorna a sua terra natal.

Durante os embates que sucederam a independência do Brasil em 1822, Maceió fez frente a tradicionais vilas da região, como; Alagoas do sul, Penedo e Porto Calvo. Seu apoio incondicional a autonomia nacional, diferenciavam das outras localidades, acomodadas e temerosas a mudança.

Anos mais tarde, Maceió e outras localidades alagoanas, foram acometidas por uma série de protestos violentos contra os portugueses, movimento conhecido como “mata marinheiro” de 1832. Assim como em outras províncias, os lusitanos exerciam cargos públicos e dominavam o comércio. Entretanto, em meio ao crescente espírito anti-português e nacionalista, devido em parte ao governo despota de D. Pedro I, não tardou os nativos voltarem-se contra eles. Em Alagoas, houve a expulsão de seus cargos públicos do comércio e confisco de seus bens e em alguns casos derramamento de sangue, como na chacina perpetrada por populares dentro da capela de Nossa Senhora Mãe do Povo, em Jaraguá, onde ali foram assassinados alguns lusitanos que em pânico procuraram se refugiar dentro da capela.

Em 1824, novamente a região é agitada por um movimento conhecido como confederação do Equador¹⁰, como em 1817, Alagoas manteve-se fiel ao governo central e seu território servindo de passagem de tropas rumo as províncias rebeladas do Norte. Entretanto, combates isolados ocorreram na re-

9 Em 1893, o mesmo templo foi local de outra chacina perpetrada pela guarda armada do governador Gabino Besouro contra opositores que em fuga adentram a igreja, no qual não foi suficiente para parar os militares que adentrando a força o templo deixando inúmeros mortos e feridos (LIMA JR, 2001, p. 101).

10 Novamente em 1824, Pernambuco é palco de uma nova revolta, a Confederação do Equador. Um movimento revolucionário de caráter Republicano, decorrente principalmente pelo caráter absolutista do imperador D. Pedro I. Como na revolução de 1817, houve um emissário do Norte, também do clero, o padre Muniz Tavares, esteve em Alagoas para aderir apoio. Contou com vários adeptos inclusive, o capitão Manuel Vieira Dantas, veterano de 1817 dentre outros Republicanos. O capitão Dantas terminou sendo preso, entretanto, sua esposa Ana Lins, continuou com sua luta, recrutando, lutando a frente da luta, fazendo do engenho Sinimbu uma cidadela da Confederação do Equador. (TENORIO, 2015, p. 38-39).

gião, principalmente em São Miguel dos Campos, no engenho Sinimbu, reduto de Ana Lins e seu filho João Viera Lins, futuro visconde e barão de Sinimbu, proeminente político alagoano do império do Brasil.

O episódio mais importante para Alagoas, ocorreu em 5 de dezembro de 1839, quando o cofre provincial mudou-se de Alagoas do Sul para Maceió. Realizada por, Agostinho da Silva Neves, quando presidia a província. Maceió definitivamente seria a capital de fato e de direito. A antiga capital rebelou-se, encabeçada pelo pai de Deodoro, Mendes da Fonseca comandante de armas e Tavares Bastos, pai do famoso escritor e político Aureliano Tavares Bastos, patrono da Assembleia Legislativa de Alagoas. Eles invadem o palácio provincial, hoje atual sede municipal de Marechal Deodoro, e mantem Agostinho aprisionado ali. Forçado a renunciar, foi embarcado no porto do Francês sob escolta para o Rio de Janeiro. Um verdadeiro conflito foi encerrado na província com a participação de várias vilas e freguesias. Sinimbu o vice-presidente, assume o cargo vago com a saída forçada de Agostinho. Entretanto o apoio que os rebeldes esperavam não veio da corte real que condenou a revolta. Logo os revoltosos sentiram-se isolados. Sinimbu, apesar de moço, deu amostra de ser um estrategista político reunindo as lideranças pró-mudanças, tomou posse em Maceió, e mandou interceptar o *Patacho* “dois amigos”, navio que conduzia preso, Agostinho da Silva Neves para a capital do império em seguida conduzindo-o para Maceió. Sinimbu solicitou tropas da Bahia, Pernambuco e Sergipe ao tempo que organizou reforços nos municípios, por meio da Guarda Nacional. Tropas legalistas chegaram da Bahia e Pernambuco e ocuparam a antiga capital lacustre, assumindo o controle, prendendo os revoltosos. “Em 9 de Dezembro, daquele ano a resolução provincial nº 11, encerrava de vez a interminável controvérsia: Maceió era de fato e de direito a capitania da província” (TENORIO, 2015, p.39).

Entretanto, a região longe de apaziguar-se, emerge um conflito político entre os liberais e conservadores. A família de Tavares Bastos, derrotada em 1839, nunca esqueceram a derrota. Continuaram na política em eterna rivalidade com o clã Sinimbu. Já o clã dos Fonseca amargou dias piores, Manuel Mendes foi preso e levado a capital do império, mandou buscar sua esposa, Rosa da Fonseca e filhos para ficar junto dele no cárcere. Sete dos seus filhos matricularam-se na academia militar, viraram heróis da guerra do Paraguai. Um dos seus filhos tornou-se o primeiro presidente da República. “Pela ironia do destino também Manuel, foi o proclamador da Republica em 1889, acabando com o regime mo-

nárquico que causou o exílio de sua família e de sua terra natal” (TENÓRIO, 2015, p. 40).

Vitorioso no projeto de mudança da capital, o visconde de Sinimbu ocupou por curto tempo a presidência da província, liderou o grupo denominado de Cabeludo, (Liderais). Seu rival político Tavares Bastos, liderou os Lisos. Episódios de intrigas, difamações, assassinatos espalharam-se província adentro. Essa disputa chegaria ao ápice em 1844, quando o presidente da província Bernardes de Souza Campos, amigo pessoal de Sinimbu, começou a mudar os cargos, exonerando os partidários lisos. Então, em 4 de outubro de 1844, um batalhão vindo de Alagoas do Sul invade Maceió, ocupando o Bairro de Bebedouro, sob comando de José Viera Peixoto. O presidente provincial foi obrigado a refugiar-se no navio Caçador, atracado em Jaraguá. A capital ficou sob o comando dos rebeldes. Um trato foi feito com os rebeldes, cabendo a Souza Franco, desfazer algumas exonerações e garantir as eleições do Juiz Tavares Bastos e de Francisco Barros Leite. A trégua não durou muito, logo foi quebrada e a tensão continuou, tropas pernambucanas vieram apoiar os dirigentes da Província.

Em 21 de outubro de 1844, novamente a capital, foi invadida pelos rebeldes, desta vez liderando por Vicente de Paula, líder cabano.

Os cabanos fecharam todos os pontos da cidade, menos a estrada do Poço. Avançaram pela rua o Comercio, ocupando o consulado britânico por três horas. Vicente de Paula, dentro do consulado e entre papéis rasgados e arquivos revirados, sob gritos de aclamação, ganhou o título: virou o capitão-general de todas as matas. (RIOS, 2017, p.37).

Com medo, guarda Nacional de Maceió, bateu em retirada. Os cabanos, hábeis nas matas do Norte, onde faziam os senhores de engenho tremer com suas emboscadas e táticas de guerrilhas fantásticas, esbarraram em Maceió, nos labirintos entre becos e ruas, casario avizinhado, tornava difícil os Cabanos manterem posição, obrigando-os recuarem para as matas de Jacuípe.

Longe da pacificação a região foi palco da revolta dos maribondos ou Ronco da Abelha em 1851, como ficou conhecida. Chamou a atenção da capital, não chegou a sacudi-la diretamente, mas causoureações nas vilas e cidades do interior contra o censo Geral do Império e o Registro dos Nascimentos e Óbitos. O boato era que esses decretos visavam escravizar os libertos e a população pobre. Rapidamente, soldados de Maceió, foram enviados diversos focos

de rebelião, como: Porto Calvo, Barra Grande, São Brás, Jacuípe e outra. (TENÓRIO, 2015, p.67).

A revolta do Quebra-Quilos, agitou a província entre 1874-1875, mediante ao aumento dos gêneros alimentícios, principalmente a farinha. A Guarda Nacional de Maceió é convocada e enviada para as localidades hostis, para reprimir as manifestações e evitar depredações.

Maceió acompanhou a onda da campanha abolicionista¹¹ que culminou na libertação dos escravos em 13 de maio de 1888. Entretanto, não houve a adesão majoritária da população alagoana, porque a maioria das cidades eram agropecuaristas, conservadora. Por outro lado, Maceió e Penedo, possuíam uma significativa vida urbana, com maior envolvimento nas questões sociais e políticas. As ideias libertárias eram discutidas na imprensa e defendidas em jornais, como; *O Gutemberg*, *O Lincoln*, *A Gazeta de Notícias* e o *Correio de Maceió*, no qual tiveram o papel fundamental na difusão e esclarecimento das ideias emancipacionistas da escravidão. Surgiram também, jornais de ideais republicanas, como; *O Apostolo*, e periódicos *A Republica*, *A Província e O Século*. Entre os principais líderes alagoanos que lutavam a favor do fim da escravatura, destacavam-se João Francisco Dias Cabral, Joaquim Diegues Junior, Pai e Fernandes Lima, entre outros. Em 1881 é fundada a Sociedade Libertadora Alagoana, promoviam secções de alforrias de escravos, mediante a contribuições e rifas. A associação comercial de Maceió, ligada ao algodão em seu primeiro ano, libertou a escrava Benvinda, mostrando sua simpatia e filosofia liberal.

Nas comemorações da lei Áurea em 1888, estava presente o coronel Floriano Peixoto no largo dos Martírios, mas tarde erguido ali um monumento em sua memória, contando com a presença de seu irmão. Após o fim da Junta provisória encabeçada por Tibúrcio Valeriano, foi o irmão de Deodoro, Pedro Paulino da Fonseca que assumiu a presidência de Alagoas. Esse não ficará por muito tempo, renunciou ao mandato em 1891, assim como seu irmão, Deodoro da Fonseca fez.

Outro militar assumiu as rédeas de Alagoas, herói da guerra do Paraguai, Gabino Besouro, era uma pessoa honesta de bom caráter, mas de pouca flexibilidade a erros alheios. Rapidamente foi vítima da politicagem da terra dos

11 A campanha abolicionista em Alagoas como o restante do país conseguiu reunir pessoas de mais diversos níveis sociais, principalmente simpatizantes, partidários e militantes do Partido Liberal ou indivíduos de outras tendências político ideológicas, organizada ou não em torno de um Partido Político; cuja a maioria eram profissionais liberais, intelectuais, estudantes e outros seguimentos sociais da população, organizados geralmente em torno de sociedades ou clubes abolicionistas (LIMA, 1995, p.14).

caetés, foi atacado por todos os lados, até mesmo sua esposa não escapou. O antigo palácio do governo, na Rua Barão de Anadia, foi alvo de tiros, mas tarde descobrira-se que esses projeteis eram disparados do sítio do Sobral. Orgulhoso o militar rapidamente reagiu com violência e repressão, soltando a cavalaria do Corpo de Segurança contra a população e decretando toque de recolher na cidade. (LIMA JR, 2001, p.98-99).

A situação ficara insustentável, chegando até ao presidente Floriano Vieira Peixoto que depois de resolver a questão da revolta armada e federalista no Sul do país, voltou-se a sua terra natal, apoiando um levante militar contra Besouro, em 1894. Militares saíram as ruas armados em direção ao palácio velho, em menor número a guarda da palaciana bateu em retirada e na tentativa de salvar-se a si e sua família, o herói de guerra, abriu um buraco na parede do palácio e refugiando-se na casa ao lado, nela residia a família do Tenente Coronel Emídio Dantas Barreto. Mas tarde o casarão é demolido com outras duas para a construção do Parque Hotel e da agência Bank of London & South América, Ltda.

Assume então o governo, o Barão de Traipu que teve de enfrentar partidários de Gabino Besouro insatisfeitos com a renúncia do militar orquestram um levante militar, temendo por sua vida, o Barão de Traipu renúncia, mas retorna diante das forças do presidente Prudente de Moraes que intervém em seu auxílio. Posteriormente Manuel José Duarte assume o governo em um ambiente de fortes tensões e agitações políticas, devido às divergências entre os republicanos militares (florianistas) e republicanos civis, mais ligados aos setores civis e agrária.

No início do século XX, Euclides Viera Malta, inaugurar um período de pacificação e prosperidade. Maceió, se consolida como principal centro político-econômico do estado de Alagoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, achou-se que Maceió se originou do engenho Massayó, fundado ali nas imediações da Praça D. Pedro II. Sendo hoje, a teoria mais aceita de Moacir Santana, afirmando que Maceió originou-se de um antigo reduto de pesadores no Jaraguá. Uma origem bem diferente das outras cidades de Alagoas.

Maceió desde os seus tempos primórdios foi comercial, Jaraguá apresentava um porto natural que proporcionou o embarque e desembarque de mercadorias vindas de diversas regiões desde os vales do Mundaú e Paraíba. Esse

diferencial foi essencial para seu sucesso econômico, político, principalmente diante de Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul, no qual desde os tempos de Comarca era cidade-cabeça, um tipo de sede administrativa da região. Sua liderança em Alagoas perdurou até 1839, quando Maceió finalmente tomou o status de sede.

Rapidamente, o ato tornou-se estopim de um levante na antiga capital, o Presidente da Província, Agostinho Neves, foi preso pelos rebeldes, liderados por Tavares Bastos e Manuel Mendes da Fonseca. O empenho foi rapidamente resolvido graças as extraordinárias habilidades políticas de João Lins Viera Cansação de Sinimbu, o único Visconde e Barão de Sinimbu.

Entretanto, as disputas políticas em Alagoas continuaram, principalmente em Maceió entre os Lisos (conservadores), liderados por Tavares Bastos, derrotados em 1839, mantiveram-se em eterna luta com os Cabeludos (liberais), liderado pelo Barão de Sinimbu. Vele lembrar que não eram partidos políticos, mas agremiações, juntas políticas que almejavam influenciar e poder. Ambos eram vinculados a elite agrária que permeavam o modelo de produção escravistas e centralizadora. Não tinham um projeto pleno de desenvolvimento tecnológico para Alagoas, governava para si e somente para si.

Outras revoltas também abalaram a região como o Ronco da Abelha e o Quebra-Quilos, apesar de distantes de Maceió suas consequências não deixavam de refletir na capital, pois eram revoltas nas cidades, comarca e vilas interioranas. Pois todas as discórdias, disputas e intrigas eram discutidas e acordadas na capital.

Com a República a situação não se torna sinônimo da paz, a politicagem em Alagoas é ferrenha, até mesmo o irmão do Proclamador de República, Pedro Paulino da Fonseca renunciou, ficou no cargo somente um ano, não estava preparado mediante as disputas políticas de Alagoas. O orgulhoso militar deixa o cargo. Os primeiros anos da republica em Alagoas é marcado por agitações política, levantes militares e exacerbada violência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALTAVILA, Jaime. **História da Civilização das Alagoas**. 5ª. ed. Maceió: 1967.

ANDRADE, Fernando Antônio Gomes (ORG.). **Memória das Alagoas**: Coleção do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. 2ª edição. Maceió: IHGAL, 2009.

BRANDÃO, Moreno. **O Centenário da Emancipação de Alagoas – 1917**. Maceió: Casa Ramalho, 1917.

CARVALHO, Cicero Pérciles. **A Formação Histórica de Alagoas**. 4ª. ed. Maceió: EDUFAL,

2016

COSTA, Craveiro. **Maceió**: Maceió: Arquivo Público, 1962.

COSTA, Craveiro; CABRAL, Torquato. **Indicador Geral do Estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016.

COSTA, Murilo Leite da Silva. **Lembranças de Maceió**. 2. Edição. Maceió, edição do autor. 1970.

DANTA, Carmem Lucia. et al. **Cidades Históricas: Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas (...)** Maceió: Grafmarques, 2009.

ESPINDOLA, Thomas do Bomfim. **Geographia alagoana ou descriçãoophisica, política e histórica da Província de Alagoas**. 2. Ed. Maceió: Typografia do Liberal, 1871

FERNADO, R; GOMES, C.; COELHO, F. et al. **Maceió 200 anos**. In revista Graciliano, Maceió, n. 25, 2015.

JAMBO, Arnaldo. **Um Tempo de Maceió**. Maceió: Edições Catavento, 1998.

LEITE JUNIOR, Bráulio. **Outras Histórias de Maceió**. Maceió: Gráfica Graciliano Ramos, 2004.

LIMA JÚNIOR, Felix. **Maceió de Outrora**. Vol. 2. Maceió: EDUFAL, 2001.

LIMA JÚNIOR, Felix. **Maceió de Outrora**: Vol. 1. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014

LIMA, José Roberto. **História de Alagoas**. Maceió: UFAL/CHLA/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, 1995 (Nota de Aula).

LIMA, José Roberto. **História de Alagoas**. Maceió: UFAL/CHLA/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, 1998 (Nota de Aula).

PONTO, Geosélia da Silva. **História de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1979.

RIOS. Odilon. **Alagoas Poder e Sangue**: Maceió: CBA, 2017

TENÓRIO, Apratto; CARVALHO, Péricles; DANTAS, Lucia. **Alagoas 200 Anos**. Maceió: Gráfica Moura Ramos, 2017

TENÓRIO, Apratto; CARVALHO, Péricles; DANTAS, Lucia. **Maceió, Duzentos Anos**. Maceió: Gráfica Moura Ramos, 2015

Data de recebimento: 13/09/2018

Data de aceite: 27/10/2018